

REVISTA DE
ESTUDOS E
INVESTIGAÇÕES
ANTROPOLÓGICAS

Desafios metodológicos no acesso e construção do campo: reflexões sobre trabalho doméstico, cuidado e família em Ponta Negra (Natal/RN)

Amanda Biatriz Silva Bernardino¹ 
Emanuela de Souza Monteiro² 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – RN – Brasil

Resumo

O presente artigo parte das reflexões metodológicas sobre o trabalho de campo resultante da pesquisa intitulada “Famílias, trabalho doméstico e cuidado em perspectiva comparada e realidades singulares”, que busca compreender os diversos arranjos de cuidado na cidade de Natal-RN. Com foco nas desigualdades de gênero, raça e classe, observando como possíveis valores tradicionais de gênero se relacionam com práticas mais ou menos igualitárias ou conflitivas, cansaços e satisfação no cotidiano das famílias. Esta pesquisa vem sendo desenvolvida em quatro cidades do Brasil: Rio de Janeiro (RJ), Santa Maria (RS), João Pessoa (PB) e Natal (RN). Neste trabalho, trataremos dos resultados preliminares obtidos em Natal-RN, tratando-se, portanto, de um trabalho de campo exploratório, onde trazemos o ‘fuxico’ como ferramenta de análise de conteúdo, buscando refletir o fazer e o aprender fazer de um campo.

Palavras-chave: cuidado; família; gênero; interlocutoras; trabalho doméstico; Ponta Negra.

1 Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: amanda.silva.018@ufrn.edu.br

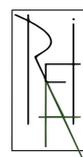
2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: emanuela.monteiro.124@ufrn.edu.br

Introdução

Este artigo tem como ponto de partida o projeto de pesquisa intitulado: *Famílias, trabalho doméstico e cuidado em perspectiva comparada e realidade singulares*, o qual vem sendo desenvolvido no bairro de Ponta Negra, localizado em Natal/RN, e originou-se a partir de um projeto internacional mais abrangente, chamado *International Social Survey Programme (ISSP)*. Trata-se de um consórcio internacional de grupos institucionalizados de pesquisa voltados para a produção de pesquisas anuais sobre temas considerados fundamentais para a compreensão das sociedades contemporâneas. Dentre os temas mais recorrentes desde o início do consórcio, tem-se a abordagem sobre família e papéis de gênero. O Brasil passou a integrar esse consórcio no ano de 2002 e após os resultados obtidos, bem como a realização de *surveys* independentes do ISSP, mas também ligados ao tema realizados em 2021, as atuais coordenadoras do projeto pensaram conjuntamente numa forma de manter os temas estudados no *survey* em produção e circulação na construção do conhecimento no país (Araújo, Picanço e Cano, 2021).

A partir disso, surgiu a ideia de aplicar uma pesquisa a nível nacional de caráter qualitativo, com base nos questionários quantitativos que compunham o ISSP. Atualmente, essa pesquisa vem sendo realizada em alguns estados do Brasil, com a temática: *Famílias, trabalho doméstico e cuidado em perspectiva comparada e realidades singulares*, coordenada pela professora Felícia Picanço (UFRJ), com coordenação adjunta de Jurema Brites (UFES), Thays Monticelli (UFRJ), Anna Bárbara Araujo (UFRN) e Pedro Nascimento (UFPB). A pesquisa vem sendo desenvolvida nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), Santa Maria (RS), João Pessoa (PB) e Natal (RN). O presente artigo é, portanto, uma análise preliminar dos resultados obtidos em trabalho de campo exploratório a partir das experiências obtidas em Natal/RN, mas acima de tudo uma reflexão metodológica do desenvolver deste trabalho em campo.

Em Natal, o bairro escolhido para a realização do trabalho de campo foi o de Ponta Negra, pois ele apresenta o conjunto de características socioeconômicas e de famílias que são requisitos para a realização da pesquisa, isto é, variação socioeconômica relevante no mesmo bairro. Alocando cerca de 24.600 habitantes, Ponta Negra é um dos bairros mais populosos de Natal e a sua história possui certas especificidades, que o tornaram um rico campo de análise para a pesquisa. Os primeiros registros do local datam da invasão holandesa no século XVII, assim como grande parte da zona litorânea do Rio Grande do Norte. Durante muitos anos, o bairro de ponta negra foi habitado predominantemente por pescadores, que tiravam sustento do mar e, somente, ao final da



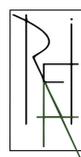
Segunda Guerra Mundial e com a influência norte-americana da cultura de veraneios, o local passou a ser alvo de especulação imobiliária e atrair turistas (Silva, 2013).

Ponta Negra vem sendo objeto de especulação imobiliária desde os anos 1960, esse processo, de acordo com Silva (2013), é fruto da criação de novos projetos imobiliários no e para o local, transformando o bairro que antes era uma área com predominância rural, em um espaço urbano. A transformação dessa área, modificou as características não só de moradia, mas também de renda, como a atividade pesqueira. Essa alteração de Ponta Negra em espaço urbano e consequentemente as mudanças produzidas através dessa modernização, como aumento das desigualdades, turistificação da área e especulação imobiliária, é claramente associada a um processo de gentrificação, que as leituras de Lefebvre (2011) – apesar do autor não utilizar diretamente esse termo em sua crítica à produção do espaço urbano – nos ajuda a compreender como a modernização e a lógica capitalista reconfiguram o território de forma excludente.

Considerado como um bairro predominantemente de classe média da cidade do Natal, Ponta Negra continua sendo lar tanto da população menos favorecida economicamente, como das famílias de classe média (Silva, 2013). Dessa forma, a escolha do bairro de Ponta Negra se deu em consonância tanto com a característica da variação socioeconômica, como com a proposta central do projeto que consiste em analisar e compreender como diferentes indivíduos, em distintas realidades, lidam com suas demandas domésticas e de cuidado. E ainda, investigar como estas são atravessadas por marcadores sociais da diferença e quais os impactos destes sobre as demandas apresentadas.

Partindo deste eixo de análise, buscou-se dentro do grupo observado, diversificar além do fator localidade, marcadores sociais da diferença como gênero, raça/etnia, classe social, faixa etária e deficiências, observando como esses fatores poderiam afetar tarefas domésticas e relações de cuidado – entendemo-as aqui como relações de assistência ao outro que imputa responsabilidade (Hirata, 2020). Tendo também outros pontos-chave de análise, como a relação entre valores patriarcais de gênero e cuidado; as redes de cuidado tecidas pelos interlocutores; os equipamentos públicos e privados utilizados e o fluxo entre estes.

Para realização dessa análise um dos principais materiais teóricos a ser utilizado será o livro *Onde as desigualdades de gênero se escondem? Gênero e divisão do trabalho doméstico – O Brasil em perspectiva comparada*, organizado pelas professoras Clara Araújo, Felícia Picanço e Ignácio Cano. O livro faz uma análise comparativa do *International Social Survey Programme (ISSP)*,



trazendo resultados de outros países em comparação com o Brasil, para formular postulados sobre como se coloca a divisão do trabalho em consonância com a perspectiva do gênero.

Em relação a metodologia aplicada, adotou-se inicialmente revisão da literatura pertinente aos temas que se pretendiam trabalhar em campo, bem como discussões teórico-metodológicas conduzidas com a equipe da pesquisa. Na parte prática, utilizamos de entrevistas semiestruturadas como principal recurso para recolhimento das informações pretendidas. Objetivando formar uma amostra inicial mínima de 10 interlocutores(as), residentes em Ponta Negra e/ou na Vila de Ponta Negra, onde o número máximo de entrevistas seria decidido por saturação, isto é, quando se considerasse que as respostas obtidas chegassem a certo teor de repetição ou redundância.

Além da parte introdutória e das considerações finais, o presente artigo apresenta outras duas seções principais. Na primeira seção, refletimos sobre o cotidiano do campo e os entraves para sua realização, como a falta de respostas, amostra de casos insuficientes e estratégias utilizadas para oxigenar o trabalho *in loco*. Além disso, abordamos os motivos pelos quais entendemos que essa pesquisa é dividida em duas ondas ou fases e quais os fatores que nos influenciaram a isso, bem como o propósito dessa divisão em nossa análise.

Na segunda seção, intitulada “fuxicando o cuidado”, apresentamos o entendimento duplo do significado de fuxicar, relacionado a prática artesanal do fuxico, e ao ato de focar com a construção desse trabalho de pesquisa e de escrita. De modo que, as diversas conceituações teóricas de um mesmo fenômeno, que é o cuidado, sejam “alinhavadas” formando uma peça final composta por fuxicos de retalho. Apresentamos também o caráter nacional da pesquisa, os resultados preliminares do campo até o momento de produção desse texto, o conceito de cuidado sob diferentes perspectivas e algumas análises a partir dos dados construídos em campo até o momento.

O fazer e o aprender a fazer um campo

É comum que pesquisas de cunho qualitativo que envolvem um campo empírico de atuação, sejam precedidas de uma boa revisão bibliográfica que oriente os rumos primários a serem tomados. Todavia, conhecer bibliograficamente um campo de saber não significa necessariamente conhecer seu campo empírico. A literatura nos ensina quem são os(as) interlocutores(as), onde eles(as) estão localizados e delimita aquilo que se pretende inferir destes(as), mas o momento entre o rascunho e o desenho final é permeado por labirintos e desafios que fazem do pesquisador quem ele é.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa não foi diferente, as estratégias utilizadas para chegar até os(as) interlocutores(as) foram múltiplas: pedimos aos colegas indicações de



moradores, a partir de bola de neve; fizemos uso de um questionário online para divulgação da pesquisa e busca por participantes, mas, ainda assim, as estratégias foram insuficientes para a amostragem desejada. Questões como “o que falta ao campo?” ou “o que falta em nós enquanto pesquisadoras?” estiveram presentes durante meses em que a pesquisa parecia estagnada, apesar de ter algumas entrevistas já realizadas e do contato com algumas interlocutoras³, o campo enquanto um local físico ainda parecia algo distante – e distinto – à pesquisa.

Dentre as alternativas para aproximação com o campo, elencamos visitas aos aparelhos de cuidado⁴ como uma estratégia para contato com os(as) usuários(as) desses serviços. Apesar de algumas interposições iniciais, tivemos sucesso na aproximação com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) localizado na Vila de Ponta Negra. A partir dessa aproximação, nos inserimos em algumas atividades ofertadas à população. Com isso, buscamos realizar uma observação participante, não no sentido malinowskiano, mas seguindo as recomendações de Guber (2011) de uma participação observante, equalizando os conceitos de observar e participar com o mesmo patamar de importância para se compreender a situação estudada. Em outras palavras, a proposição de Guber (2011) não é apenas participar para observar, mas ir além, colocando a participação como parte constituinte da análise, defendendo assim o observar para participar.

A presença no CRAS, como pesquisadoras em campo, buscava não só angariar respondentes para as entrevistas, mas compreender as dinâmicas próprias do fazer diário do cuidado daquela população, tanto os que eram atendidos pelo CRAS, quanto dos profissionais que atendiam. Um dos pontos cruciais da nossa análise, é a compreensão dos circuitos de cuidado (Guimarães, 2019) percorridos pelas nossas interlocutoras, então nada mais justo do que segui-lo e compreender as motivações e delineamentos. Segundo Magnani (2002), o enfoque de uma etnografia/pesquisa socioantropológica realizada no ambiente urbano deve sempre se atentar para o aspecto relacional dos sujeitos investigados, pois só assim pode se debater sobre uma aproximação plena do campo a ser estudado.

A partir dessa interlocução, vemos o cenário geral da realização da pesquisa dividida em duas ondas, as quais diferem entre si na forma e na amplitude, mas se completam na construção de um todo. O primeiro momento é caracterizado por seis interlocutoras e um interlocutor que advieram por meio de indicações na bola de neve e pelo questionário online. Esses sujeitos

3 Considerando que a expressiva maioria das pessoas entrevistadas foram mulheres, a partir daqui adotaremos pronomes femininos ao referir-nos a nossa amostra.

4 Nesta perspectiva, denominamos como aparelhos de cuidado, instituições que oferecem serviços e ou políticas públicas de cuidado para o cidadão e de certa forma toma responsabilidade sobre estes, como: creches, escolas, Unidade Básica de Saúde (UBS) e CRAS.



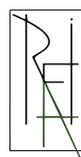
possuíam perfis variados, mas com histórias de vida que até certo ponto se interligam em aspectos socioeconômicos e culturais. Na segunda onda, com interlocutoras advindas do CRAS, as entrevistas passaram a ter um caráter mais intimista, denso e aberto, o que permitiu que a percepção sobre a realidade do campo fosse apreendida de forma mais abrangente do que na primeira fase.

Nas entrevistas concedidas pelas informantes do CRAS, foi possível observar que as interlocutoras são caracterizadas como pessoas em extrema situação de vulnerabilidade socioeconômica, em um nível muito mais profundo do que as interlocutoras de classe popular da primeira onda. A categorização inicial desenvolvida para classificar socioeconomicamente os interlocutores levou à divisão operacional dos participantes em dois grupos, definidos como “classe média” e “classe popular”, os quais eram decididos a partir da renda bruta da casa, a quantidade de pessoas, aos serviços e aparelhos que tinham acesso e as histórias de vida.

Entretanto, durante a segunda onda da pesquisa, notou-se que havia um duplo perfil entre aqueles que foram primariamente caracterizados enquanto “classe popular” – os que possuíam condições básicas de existência e aqueles que subsistem. O encontro com os “subsistentes” é a virada de chave para o desenvolvimento da nossa pesquisa, a categoria dos que subsistem foi criada ao entrarmos em contato com situações de extrema vulnerabilidade com que as famílias viviam, não dispendo de nenhum tipo de renda, ou tendo como única renda auxílios do governo federal. São famílias, onde falta o básico para alimentação e sobrevivência.

A partir desse ponto, refletimos como investigar a influência da categoria “classe” nos processos de cuidado e trabalho doméstico, questionando: como agir quando se está à frente de uma classe de pessoas que vivem em uma dinâmica da falta? A caráter de exemplificação, uma das perguntas presentes no questionário aplicado era como se estabelecia a relação dos residentes na casa ao fazer atividades de cunho culinário, como café da manhã, almoço e jantar. Mas quando se encontra uma casa sem fogão, sem geladeira, sem cozinha, como se procede com esse questionamento? Este foi um dos momentos em que se fez necessário parar e refletir sobre o papel de um pesquisador em um campo e até que ponto ele deve ou não se inserir, o que deve ou não fazer, quais as limitações da nossa pesquisa e onde é possível avançar.

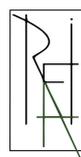
Outro fator observado em contraste com as proposições prévias ao campo é a relação entre as diferentes classes sociais na área de Ponta Negra. Como foi indicado na introdução, o bairro abriga as mais diversas classes socioeconômicas, e a imagem prévia que tínhamos do campo - baseada em estereótipos – era uma espécie de divisão entre “A Ponta Negra dos condomínios luxuosos, dos turistas e do veraneio” e “A vila de Ponta Negra da classe popular e da



criminalidade”. Porém, o que se observou, não só nas entrevistas, mas principalmente ao caminhar pelo bairro, foi que essa divisão não se sustentava totalmente na medida em que as fronteiras por vezes não eram tão demarcadas. As casas de arquitetura mais simples, coabitam o mesmo espaço que casas de arquitetura mais elaborada e que ressaltam o elevado poder aquisitivo dos(as) proprietários(as), e misturam-se as grandes pousadas e casas de veraneio, que ocupam grande parte dos quarteirões, têm nos limites do próprio muro, pequenas vielas de intensa movimentação.

Ainda sobre a observação da organização social do bairro de Ponta Negra, percebeu-se que o mesmo possui uma considerável quantidade de pessoas que transitam por lá diariamente, mas que ali não residem – esse grande fluxo é composto tanto por turistas, como também por trabalhadores(as) de construção civil, dos quiosques, da rede de hotelaria, dos restaurantes e dos diversos tipos de comércios encontrados por todo o bairro. Porém, o fluxo de pessoas em Ponta Negra, não se dá apenas no fazer cotidiano, nas histórias ouvidas em diferentes casas e apartamentos, notou-se que a trajetória de todas essas pessoas era – de certa forma – atravessada pela história do bairro e do mar, tanto as pessoas que nasceram e cresceram ali e que, portanto, desenvolveram memórias afetivas em conjunto com o crescimento do bairro, bem como numa perspectiva econômica e arquitetônica. No aspecto econômico, por obterem sua fonte de renda das relações ali estabelecidas, e o aspecto arquitetônico na disputa com a especulação imobiliária, que encarece o valor dos imóveis e querem a todo custo que os antigos moradores vendam suas casas para transformar o espaço em condomínios e alimentar a diferenciação econômica de quem mora no bairro, bem como para construir hotéis e pousadas para receber turistas. Seja também, no atravessamento econômico que o bairro possibilita através da geração de emprego e renda decorrentes do mar como atrativo turístico.

Há ainda aqueles que vieram de outros bairros, de outras cidades, de outros estados e até mesmo de outros países e que encontraram em Ponta Negra novas significações do que cada um entende por lar. As histórias de vida dos interlocutores, entram aqui como complemento para a análise pretendida, se debruçando sobre questões sociais, não apenas para produzir diagnósticos e escritos acadêmicos, mas entendendo o social como um exercício que se produz no dia a dia. Assim, este trabalho se insere em uma agenda de pesquisa que tem como ênfase o cuidado e suas vulnerabilidades, refletindo como estes se fazem e refazem em um campo heterogêneo.



Fuxicando o cuidado

De tarde, eu fico aqui ó costurando, quando eu não tô mais fazendo nada de casa, eu fico aqui fazendo fuxico. [...] eu esqueço do mundo um pouquinho. Me concentro só aqui. (Maria Isabel⁵, 61 anos, interlocutora, classe popular subsistente).

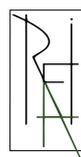
Construímos esta seção a partir da fala dessa interlocutora, de utilizar da confecção da flor do fuxico, e depois do processo de juntar cada flor uma à outra para formar uma peça maior, como principal passatempo e, também, prática terapêutica. Compreendendo melhor a etimologia da palavra fuxico, relacionamos o ato e a prática de fuxicar com a construção do processo de um trabalho de pesquisa, que é constituído de pequenas peças de retalhos, fazendo alusão aos diversos conceitos utilizados, para constituir o produto final que se deseja.

Fuxico é uma palavra que possui origem na etimologia africana e significa essencialmente remendo, sua primeira utilização é datada há pelo menos 150 anos e segundo conta a história o termo se popularizou no Brasil entre mulheres de ascendência africana que viviam no interior do nordeste, essas se utilizavam do termo para se referir ao momento em que se reuniam para costurar e conversar sobre a vida. No senso comum, o termo possui dois significados, sendo utilizado como sinônimo de fofoca, mas também para nomear uma prática artesanal que reutiliza retalhos de tecidos para confecção de peças sustentáveis.

O fuxico como prática artesanal é o nome dado a confecção de uma flor feita de retalho de tecido alinhavado e o ato de fuxicar, nesse sentido, consiste em juntar várias peças de fuxico para montar um produto final, bem como ao ato de juntar várias versões de uma história a respeito de algo ou de alguém. Partindo dessa ideia, buscaremos utilizar aqui de distintas perspectivas teóricas e empíricas para alinhar diferentes concepções de cuidado. O uso da palavra “alinhavar” é central, pois não é apenas uma referência à costura, mas ao ato de alinhavar como um esboço, uma espécie de costura inicial onde traçam-se pontos mais largos e firmes que depois dão corpo para formar a costura mais estruturada.

Esta pesquisa se insere em um projeto de nível nacional, dessa forma, entendemos que os resultados apresentados aqui são como um alinhavado, que vão estruturar o corpo final dessa costura, possibilitando a confecção de uma peça final. Assim como as “fuxiqueiras” utilizavam do momento do fuxico para fofocar, aqui utilizamos de diferentes perspectivas para costurar o produto da nossa análise sobre as percepções de cuidado. Partindo dos apontamentos de Querino (2023), buscamos apreender o cuidado não apenas como um serviço, mas mudando o foco para as

5 Nome fictício.



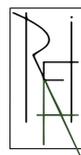
significações que ele tem na vida de cada pessoa, colocando em perspectiva quem cuida, quem precisa ser cuidado, em que contribui o cuidar e, mais intimamente, o que é cuidado.

Os estudos sobre o tema do cuidado vêm se ampliando em diferentes áreas do conhecimento, sobretudo nas Ciências Sociais. Entender os seus desdobramentos é de suma relevância para compor a compreensão de como vem se estabelecendo as relações sociais na vida cotidiana. Tendo como ponto de partida, a concepção conceitual de Guimarães (2019), usaremos o emprego da ideia de cuidado como “circuitos”, cuidado como profissão, como ajuda e como obrigação. A autora utiliza a noção conceitual dos “circuitos” e de trabalho relacional de Zelizer (2009) para esclarecer as diferentes formas de trabalho relacional que envolvem a profissão do cuidar. O trabalho relacional corresponde a diferenciação de relações sociais significativas, aqui aplicadas ao exercício do cuidado, dessa forma cuidar é um produto do trabalho relacional, pois envolve esforços para diferenciar relações sociais significativas.

O cuidado como profissão tende a ser frequentemente ligado à responsabilidade de assistir pessoas, sejam elas: crianças, idosos, pessoas com deficiência temporária ou definitiva, de maneira que a pessoa que cuida seja remunerada pelos serviços prestados. Hirata (2022), no livro *O cuidado: teorias e práticas*, apresenta diferentes concepções de cuidado em países como Brasil, França e Japão, a partir de entrevistas com pessoas que realizam esse tipo de trabalho, os profissionais respondem à pergunta ‘Para você, o que é cuidar?’, as respostas apresentam em comum a ideia de estar atento(a), estar presente e disponível para a pessoa de quem se cuida.

Todavia, por ser um serviço comumente exercido em domicílios ou instituições, separar o cuidado do trabalho doméstico se torna uma tarefa complexa (Araújo, Monticelli e Acciari, 2021; Araujo, 2022). Por conseguinte, aqui buscaremos compreender o cuidado como um serviço multifacetado, que engloba desde o cuidar do outro, até tarefas de cuidado da casa e do conjunto de coisas que engloba esse ambiente. De acordo com a antropóloga Tatjana Thelen (2015), o cuidado pode ser pensado como um serviço que compreende, entre outros aspectos, relações sociais, trabalhistas, monetárias e políticas. Para a autora o cuidar é um processo que se inicia no reconhecimento da existência de uma necessidade de cuidado (de alguém ou de algo) e a delegação da responsabilidade desta tarefa.

Assim, ainda que haja diferenciações na sua conceituação, há de certa forma uma visão majoritária, nas ciências humanas, que reconhece como a intersecção de gênero, raça e classe liga as pessoas que exercem e usufruem do cuidado como um serviço (Engel, 2022). Portanto,



compreender como essas categorias estão relacionadas é crucial para entender como os valores tradicionais de gênero e práticas conflitivas estão presentes no nosso dia a dia.

A expectativa de comportamentos que se tem para indivíduos que se reconhecem como homens ou mulheres nas relações sociais de cunho interpessoal e também institucional, adentram no que se entende por ‘fazer gênero’ de acordo com Scott *et al.* (2012). Historicamente, o gênero feminino foi designado ao ambiente doméstico e privado, mesmo após as revoluções industriais e a inserção da mulher no mercado de trabalho, não houve uma inserção significativa do gênero masculino no ambiente doméstico. Thelen (2015) aborda esse assunto ao comentar sobre como o cuidado é “dado” às mulheres, como uma parte constituinte de suas identidades, da mesma forma que o “não cuidar” é tido como uma característica definidora dos homens.

Um dos pontos investigados em campo, como foi posto anteriormente, foi a relação entre valores tradicionais de gênero e as tarefas de cuidado, bem como esses valores eram compreendidos por nossos interlocutores. Neste trabalho,

[...] partimos da perspectiva de que o modelo tradicional de família, inaugurado com a modernidade, está pautado por pressupostos naturalizados, isto é, aceito como um princípio inerente à natureza das coisas, de que compete aos homens exercer poder e autoridade, e às mulheres, a obediência e a submissão (Araújo, Picanço e Cano, 2021: 10).

De acordo com o trecho acima, retirado do livro: *Onde as desigualdades de gênero se escondem? Gênero e divisão do trabalho doméstico – O Brasil em perspectiva comparada*, as autoras dedicam um tópico apenas para explorar sociologicamente o significado da categoria ‘família’, elaborando que, apesar da ideia de família ser uma instituição histórica, o que se entende sobre este termo mudou drasticamente em função do tempo, da localidade e dos contextos históricos. Assim, as autoras discutem sobre:

Nesse sentido, do ponto de vista histórico, antropológico e sociológico, não existe ‘a’ família como uma entidade estática orientada por um único modelo, mas sim formas distintas, pautadas pela diversidade de combinações entre afetos, arranjos conjugais, de parentesco e afinidade, e condições de vida, que envolvem produção e reprodução cotidiana da vida e de cuidados intra e entre gerações. (Araújo, Picanço e Cano, 2021: 9).

Ainda que defendam a pluralidade concernente a significação de família, as autoras apontam como junto às revoluções industriais e ao advento da modernidade capitalista um ideal de família é consolidado. Neste, o homem desenvolve o papel de provedor da casa, que ocupa os espaços públicos e sai para trabalhar, enquanto a mulher fica designada ao cuidado do lar, dos filhos e dos componentes que integram a casa. Outra autora que disserta sobre esta perspectiva é Silvia Federici, em sua obra *O Calibã e a Bruxa* (2023), ao reconstruir a transição do feudalismo para o



capitalismo, ela destaca como a exploração do trabalho reprodutivo não remunerado das mulheres foi essencial para a acumulação de capital, argumentando que o capitalismo não só dependeu da exploração do trabalho assalariado (como foi colocado por Marx), mas também do trabalho doméstico não pago, realizado majoritariamente por mulheres. Esse trabalho – criar filhos, cuidar da família, manter a força de trabalho – não é valorizado pelo sistema, mas é indispensável para a reprodução da mão de obra barata.

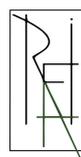
Um dos apontamentos iniciais que podemos inferir sobre esta pesquisa com relação ao gênero, vai aparecer justamente quanto à participação das mulheres como interlocutoras. Como, são as mulheres as que mais realizam atividades de cuidado e trabalho doméstico, são elas também que predominantemente têm mais propriedade e se dispõem a falar sobre o assunto. Entre as pessoas entrevistadas até a presente fase, apenas um interlocutor era homem, dessa forma aproximadamente 92% do público participante desta investigação foi composto por mulheres, tanto de classe média como de classe popular. Diante disso, a predominância de mulheres como respondentes da pesquisa, estando estas mais abertas à possibilidade de serem entrevistadas do que os homens – considerando que a pesquisa busca investigar relações de cuidado, trabalho doméstico e gênero – constitui um dado importantíssimo para nossa análise.

Nas duas fases da pesquisa, na bola de neve e na interlocução com o CRAS de Ponta Negra, os convites à participação eram feitos às mulheres e aos homens, os quais estes últimos, em sua totalidade negaram interesse em participar ou sequer responderam à pergunta inicial: ‘Você tem interesse de participar?’. Pensando na divisão sexual do trabalho supracitada, podemos questionar: será que os homens não possuem interesse em falar sobre a vida doméstica? Ou ainda, que eles não teriam participação suficiente nas práticas de cuidado da casa e da família a ponto de não se sentirem confortáveis para falar sobre esse assunto? São perguntas que levaremos para o seguimento da pesquisa, principalmente na busca por novos interlocutores.

O único entrevistado do sexo masculino é um homem cis⁶, graduado em Tecnologia da Informação⁷, militante de um movimento marxista. Durante a nossa conversa, ele citou termos como “sociedade patriarcal”, “divisão sexual do trabalho”, dentre outros que mostraram uma percepção ampla do interlocutor quanto à interconexão entre o entendimento sobre a sociedade capitalista moderna, quanto à divisão sexual do trabalho doméstico e ideias difundidas pelo

6 O termo “cis” aqui está fazendo referência a cisgneriedade, relativa a pessoas que se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento.

7 Mantemos essa informação original, pois entendemos que ela não contribui para revelar a identidade da pessoa entrevistada. Outras como nome, e demais características específicas foram modificadas a fim de manter a privacidade dos (as) entrevistados (as).



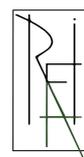
movimento feminista. Pelo entendimento dessas ideias, e possivelmente também pelo fato de morar sozinho e desempenhar todas as tarefas domésticas, ele tenha se sentido confortável em falar sobre o assunto, diferente dos outros homens que abordamos no decorrer do trabalho de campo.

Obviamente, as proposições inferidas acima partem das especificidades de um único caso e que, portanto, não devem ser generalizadas. Todavia, a recusa de participação também indica que a presença do homem nas atividades domésticas e de cuidado ainda é muito incipiente, a ponto destes se negarem a participar das entrevistas, mesmo em alguns casos estando presentes no momento da entrevista.

O último ponto citado no parágrafo anterior, resulta da observação de duas entrevistas distintas: uma ocorrida na primeira onda da pesquisa, com uma família de classe média, onde no momento inicial da entrevista o homem é convidado a participar da conversa, mas opta por se retirar do ambiente e não participar; e o segundo caso foi observado na segunda fase da pesquisa, com uma família de classe popular em que o filho da interlocutora chega no decorrer da entrevista, questiona sobre o que se trata a nossa presença ali, e após a explicação ele decide se retirar não demonstrando interesse pelo assunto abordado.

Esses dois curtos momentos são carregados de conteúdo analítico. No primeiro caso, da família de classe média, composta pela mulher e pelo esposo, a esposa relatou que ambos dividiam as tarefas domésticas “simples” – segundo ela: cozinhar, lavar louça, lavar roupa, varrer a casa – e uma vez por semana uma diarista (atenção para o gênero feminino) se encarregava da limpeza “mais pesada” – aspirar a casa, lavar banheiro, tirar pó dos móveis, nas palavras da interlocutora. Já no segundo caso, da família de classe popular, todas as tarefas eram realizadas pela interlocutora e sua nora, importante ressaltar que neste domicílio residiam sete pessoas, duas mulheres e cinco homens (sendo três deles crianças menores de 12 anos).

Conforme o exposto, pode-se inferir que a baixa participação dos homens na pesquisa se dá em decorrência de um distanciamento masculino em relação ao cuidar, mas também que há um movimento, ainda que pequeno, de mudança de paradigmas. Como pode ser observado no caso do interlocutor que mora sozinho e desempenha suas tarefas domésticas sem ajuda feminina, ou ainda no casal de classe média que divide por igual suas tarefas diárias. Há ainda, outra entrevistada de classe popular que contou dividir as atividades domésticas com o marido, mas que esta divisão iniciou apenas após a mesma desenvolver um problema de saúde que a impedia de fazer tudo por conta própria.



Independente das particularidades, constitui-se um dado importante que 25% dos lares entrevistados⁸ podem contar com a participação masculina, em algum nível, nas tarefas de cuidar, o que pode vir a ser um apontamento para uma possível mudança nas relações domésticas. Devido a pesquisa ainda estar em fase de desenvolvimento, grande parte dos resultados que temos no momento são de caráter preliminar, o que não nos impede de alinhavá-los em pequenas flores de fuxico e tentar organizá-los de forma que os mesmos tenham seu local dentro do produto final. Ainda há muito a se investigar no campo de Ponta Negra e muito a se descobrir, mas consideramos aquilo que foi descoberto até agora como já de grande importância e significação dentro do escopo que pretendemos construir.

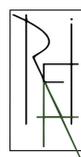
Considerações finais

Neste trabalho, buscamos discutir as metodologias empregadas no trabalho de campo e alguns dos resultados iniciais da pesquisa *Famílias, Trabalho Doméstico e Cuidado em Perspectiva Comparada e Realidades Singulares a partir do campo de Natal/RN*. Este estudo, que é de cunho qualitativo e envolve campo empírico, mostrou ao longo da discussão as intermediações e estratégias lançadas para chegar ao campo, bem como os desafios encontrados no decorrer dessa análise, ainda em andamento. Este artigo, portanto, está sendo construído ainda na fase de tabulação de dados, entrevistas sendo realizadas e transcritas, conexões diversas com o campo estão sendo criadas e visitas sendo agendadas. Dessa forma, os resultados aqui apresentados são preliminares, fruto de nossas reflexões para a próxima fase desse trabalho em curso.

Utilizamos ainda, o “fuxico” como ferramenta de análise de conteúdo para refletir o fazer e o aprender fazer o campo. Entendemos que fazer uma pesquisa de campo requer, além de um pouco de paixão, um tanto de compromisso e outro tanto de mediações. Diante de tudo que foi posto, entendemos esta pesquisa como uma colcha de retalhos, construída por cada florzinha de fuxico que tem seu lugar e contribui para a construção da peça final. No sentido do fuxico como fofoca, ele também se faz presente como parte constituinte da nossa pesquisa, tanto aquelas ouvidas no decorrer do trabalho, quanto às trocadas entres as pesquisadoras para pensar, entender e fazer esse campo tão denso e desafiador.

Buscou-se alinhavar cada perspectiva e interpretação obtida em campo para pensar e repensar o fazer socioantropológico, o mesmo ocorre com cada conceito estudado ao longo da revisão bibliográfica, que é constantemente tecida ao longo dessa pesquisa. Esse processo também é

8 Três lares, dentre os doze entrevistados até o presente momento, dezembro de 2024.



constituído pelas mais de doze idas e vindas ao bairro de Ponta Negra, nessa primeira fase, bem como por cada contato realizado (tendo resposta ou não), a cada entrevista realizada, a cada gesto de cumplicidade, a cada sorriso, a cada emoção compartilhada, a cada acolhimento, a cada improvisação e a cada encontro — seja ele de intuito acadêmico ou não —, que permitiram que montássemos o escopo de maneira colaborativa, no sentido mais literal da palavra: laboramos conjuntamente este trabalho entre fuxicos e retalhos, com a ajuda das mãos de muitas mulheres, cada uma costurando florezinhas de retalhos à grande colcha que é esta pesquisa. Nesse sentido, o poema *Sou feita de retalhos* de Cris Pizzimenti (2018), traduz bem nossa compreensão acerca desse processo.

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

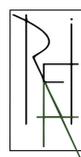
E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Anna Bárbara. 2022. “Não sou empregada, sou cuidadora”: O trabalho de fronteira em torno de uma nova ocupação. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, vol 22. e40548. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.40548>

ARAUJO, Anna Bárbara; MONTICELLI, Thays Almeida; ACCIARI, Louisa. 2021. *Trabalho doméstico e de cuidado: um campo de debate*. *Tempo Social*, vol 33(1): 145–167. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2021.169501>.

ARAUJO, Clara; PICANÇO, Felícia; CANO, Ignácio. 2021. *Onde as desigualdades de gênero se escondem? Gênero e divisão do trabalho doméstico – O Brasil em perspectiva comparada*. Rio de Janeiro: Gramma Editora. p. 8–35.



BARROS, Elisia. 2019. O Fuxico também tem história. Atelier Lili Ponto a Ponto. <https://lilipontoaponto.com.br/o-fuxico-tambem-tem-historia/> acesso: 12/12/2024

ENGEL, C. 2022. *Hiperprivatização do cuidado: projetos de cuidado das demências e seus efeitos*. Revista Estudos Feministas, vol 30(3).

FEDERICI, Silvia. 2023. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. 2. ed. São Paulo: Editora Elefante.

GUBER, Rosana. 2021. *La etnografía: Método, campo y reflexividad*. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. 2019. Os circuitos do cuidado. Reflexões a partir do caso brasileiro. Trabalho no painel “El trabajo de cuidado. Relaciones, significados, derechos. Miradas Latinoamericanas”, Congress of the Latin American Studies Association (LASA), Boston.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila Pereira Faria. 2020. *As “ajudas”*: o cuidado que não diz seu nome. Estudos Avançados, vol. 34(98):7–24.

HIRATA, Helena. 2020. *Comparando relações de cuidado: Brasil, França, Japão*. Estudos Avançados, vol. 34 (98);25–40.

HIRATA, Helena. 2022. *O cuidado: teorias e práticas*. 1. ed. São Paulo: Boitempo.

LEFEBVRE, Henri. 2011. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2022. *DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17(49).

PIZZIMENTI, Cris. 2018. *Sou feita de retalhos*. PNAIC/UFJF. <https://www2.ufjf.br/pnaic/files/2018/06/Sou-feita-de-retalhos-Cris-Pizzimenti.pdf>;

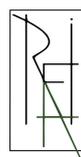
QUERINO, Ana Carolina. 2023. No Seminário IPEA: Cuidar, Verbo Transitivo Caminhos para a Provisão de Cuidados no Brasil. Brasília-DF.

SILVA, Ângelo Magalhães. 2013. *História e produção do espaço da Vila de Ponta Negra - Natal/RN: elementos para uma reflexão sobre o turismo local*. Turismo: Estudos & Práticas, vol. 2(1):70-101. (<https://geplat.com/rtep/index.php/tourism/article/view/23/19>; acesso em 11/04/2025)

SCOTT, Jacqueline; DEX, Shirley; PLAGNOL, Anke (Eds.) 2012. *Gendered Lives: Gender Inequalities in Production and Reproduction*. Cheltenham: Edward Elgar.

THELEN, Tatjana. *Care as social organization: Creating, maintaining and dissolving significant relations*. Anthropological Theory. Vol 15(4);497–515, 2015.

Recebido em: 13/12/2024
Aprovado em: 22/05/2025
Publicado em: 02/07/2025



Methodological challenges in accessing and constructing the fieldwork: reflections on domestic labour, care and family in Ponta Negra (Natal/RN)

Abstract: This article is based on methodological reflections on the fieldwork resulting from the research entitled ‘Families, Domestic Work and Care in Comparative Perspective and Singular Realities’, which seeks to understand the various care arrangements in the city of Natal, Rio Grande do Norte, Brazil. With a focus on gender, race and class inequalities, observing how possible traditional gender values relate to more or less egalitarian or conflictive practices, fatigue and satisfaction in the daily lives of families. This research has been carried out in four cities in Brazil: Rio de Janeiro (RJ), Santa Maria (RS), João Pessoa (PB) and Natal (RN). In this paper, we will present some of the preliminary results obtained in Natal-RN. This is exploratory fieldwork, where we use the ‘fuxico’ as a tool for analysing content, seeking to reflect the doing and learning of a workfield.

Keywords: care; family; gender; domestic labour; Ponta Negra.

Desafios metodológicos en el acceso y construcción del campo: reflexiones sobre trabajo doméstico, cuidados y familia en Ponta Negra (Natal/RN)

Resumen: Este artículo se basa en reflexiones metodológicas sobre el trabajo de campo resultante de la investigación titulada «Familias, trabajo doméstico y cuidados en perspectiva comparada y realidades singulares», que busca comprender los diversos arreglos de cuidados en la ciudad de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Con un enfoque en las desigualdades de género, raza y clase, observando cómo los posibles valores tradicionales de género se relacionan con las prácticas más o menos igualitarias o conflictivas, la fatiga y la satisfacción en la vida cotidiana de las familias. Esta investigación se ha llevado a cabo en cuatro ciudades de Brasil: Río de Janeiro (RJ), Santa Maria (RS), João Pessoa (PB) y Natal (RN). En este trabajo, presentaremos algunos de los resultados preliminares obtenidos en Natal-RN. Se trata de un trabajo de campo exploratorio, en el que utilizamos el «fuxico» como herramienta de análisis de contenido, buscando reflejar el hacer y el aprender de un campo.

Palabras clave: cuidado; familia; género; trabajo doméstico; Ponta Negra.

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar o material para fins não comerciais, desde que seja dado o devido crédito à obra original, sem modificações. Texto da Licença:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

